



## José Medeiros e o fotojornalismo na Revista *O Cruzeiro*<sup>1</sup>

Ranielle Leal Moura <sup>2</sup>  
Universidade Metodista de São Paulo

### RESUMO

Este artigo é parte do meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Piauí, e trata do fotojornalismo praticado por José Medeiros na revista *O Cruzeiro* nos primeiros anos da década de 1950. O objetivo é identificar a importância do trabalho do repórter fotográfico já mencionado, para a consolidação do fotojornalismo brasileiro, através de suas grandes fotorreportagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** JOSÉ MEDEIROS, FOTOJORNALISMO, REVISTA *O CRUZEIRO* e FOTOGRAFIA.

### INTRODUÇÃO

A fotografia desempenhou um importante papel no processo de conscientização e informação da sociedade brasileira, com destaque para os anos conturbados da ditadura militar, quando a fotografia procurava ângulos que objetivavam driblar a censura e mostrar através das imagens, os momentos e situações adversas que não podiam ser abordados nos textos.

O fotojornalismo brasileiro se desenvolveu de modo peculiar e cresceu em importância nos impressos, mesmo durante os períodos mais confusos de nossa história. O dever para com a verdade e a noção exata da responsabilidade e do papel da reportagem fotográfica, sempre foi o grande eixo de atuação de nossos profissionais. A liberdade oferecida pelos meios de comunicação nos primórdios da profissão de repórter fotográfico, possibilitou a realização de grandes trabalhos.

A revista *O Cruzeiro* merece destaque pela valorização que deu ao fotojornalismo, sobretudo, entre as décadas de 1940 a 1970.

*O Cruzeiro* foi uma revista que surgiu para chamar atenção, para conquistar muitos leitores. Recebeu este nome, para que as pessoas pudessem associá-la à moda da época e ainda à constelação do Cruzeiro do Sul, o que decerto fazia parte do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste./ <sup>2</sup> Jornalista formada pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. e-mail: rani.leal@uol.com.br.



planejamento e objetivos da revista, que se mostrava atualizada com informações de todo o Brasil e do Mundo.

Esta publicação ficou conhecida como uma revista de variedades e de investimentos pesados no visual. Grandes fotógrafos como Jean Manzon e José Medeiros faziam parte de sua equipe e suas reportagens faziam sucesso, como também, as coberturas de eventos políticos e sociais nos quais Assis Chateaubriand, proprietário de *O Cruzeiro* e jornalista influente, participava ou promovia.

Segundo Segala (2000, p.50), *O Cruzeiro* adquiriu um papel inovador na época, pois trazia uma espontaneidade brasileira, noticiando um Brasil, até o momento, pouco conhecido, que emergia através das grandes reportagens.

José Medeiros era um dos mais importantes repórteres fotográficos da revista *O Cruzeiro*, conhecido como o poeta da luz e, considerado o pai do fotojornalismo brasileiro, pelo francês Jean Manzon, trabalhou na revista até 1962.

Durante o tempo em que esteve a serviço dessa publicação, trilhou vários caminhos, percorreu todas as áreas sociais e conviveu com várias raças presentes no Brasil.

Nesse sentido e tendo como ponto de partida o contexto acima é que desenvolvemos este trabalho, com o intuito de responder algumas questões acerca da história do fotojornalismo brasileiro, com ênfase na atuação de José Medeiros na revista já mencionada, cuja trajetória até o momento não foi suficientemente explorada.

## **AS REVISTAS BRASILEIRAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX E O FOTOJORNALISMO**

O fotojornalismo surgiu ligado à reportagem de guerra, fornecendo muitas imagens que se tornaram referência no século XX. Ele foi uma das principais fontes de documentos históricos e antropológicos deste tempo, registrando os acontecimentos e preenchendo a memória de quem vê as imagens capturadas.

Por outro lado, desde 1880, a fotografia vinha sendo utilizada como complemento da informação nas revistas ilustradas, na busca da sua veracidade, revolucionando a imprensa e tornando-a mais atrativa para o leitor.

Na passagem do século XIX para o XX, a imprensa sofria um processo de modernização, com grandes transformações nas técnicas de impressão e edição, renovação do parque gráfico e maior consumo de papel. A tipografia entrava em uma



linha de edição e de produção, o que exigia um melhor aparelhamento técnico. Era o surgimento de um novo jornal, mais leve e popular, ainda que seus textos possuíssem o mesmo caráter literário de antes. Os grandes jornais foram se transformando em empresas jornalísticas. Mudavam as relações entre o jornal e o anunciante, a política e seus leitores. Alguns desses grandes jornais vieram de séculos anteriores, como o *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, a *Gazeta de Notícias*, que, em 1907, foi o primeiro jornal a ser editado em cores no país, além de outros como o *Jornal do Comércio*, *A Notícia* e *O Paiz*.

O *Jornal do Brasil* contava com o melhor equipamento técnico da época, com uma tiragem diária extremamente significativa, oficinas de fotografia e galvanoplastia, além de contar com a instalação de luz elétrica em suas oficinas em 1903, que passou a movimentar sua rotina e ampliar ainda mais sua tiragem.

Em 1901, nascia o *Correio da Manhã*, fundado por Edmundo Bittencourt, tendo como redator chefe Leão Veloso Filho e ainda tinha colaborações de nomes como: José Veríssimo, Artur Azevedo, dentre outros. Tinha uma linha combativa, já clara no seu editorial de apresentação, criticando a suposta neutralidade da imprensa. Não se afastava da realidade, o que era uma prática comum na relação poder e imprensa de então. O próprio presidente Campos Salles em um de seus discursos afirmava sem preocupação que seu governo corrompera alguns dos jornais cariocas.

As alterações nessa primeira década do século foram introduzidas lentamente. Aconteceu então o declínio do folhetim, dando lugar a uma preocupação maior com a informação. O aparecimento de temas políticos, esportivos e policiais, e, as colaborações literárias começaram a ser separadas na paginação dos jornais, tornando-se matérias à parte. E, foi em parte por conta dessas transformações que se viu as revistas ilustradas proliferarem. Elas que, inicialmente, teriam a charge como suporte da imagem, viriam a ser os principais veículos de difusão das imagens fotográficas, logo em seus primeiros anos. Este foi o momento de revistas como: *Revista da Semana*, *Kosmos*, *Fon-Fon!*, *Ilustração Brasileira*, *Careta*, *Paratodos*, dentre outras.

Não se pode deixar de destacar a *Revista São Paulo*, publicação do governo paulista dos anos 30 do século passado. A revista tinha um projeto gráfico arrojado, que valorizava não só o fotojornalismo, como também, a fotomontagem, na qual se destacam os trabalhos de Benedito Junqueira Duarte, que assinava *Vamp*, e, de Theodoro Preising.



Ao final dos anos 30, sobretudo, em 1939, imigraram para o Brasil fotógrafos de origem alemã, que traziam influências do movimento Bahaus, como a ênfase nas formas e no grafismo e o uso de recursos como ampliação, montagem, dentre outros. Os trabalhos que se destacam na época são de Alice Brill, Hans Gunter Flieg, Hildegard Rosenthal e Fred Kleeman.

## **O DESENVOLVIMENTO DA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DA REVISTA *O CRUZEIRO***

A fotorreportagem no Brasil veio a se desenvolver e ter destaque em 1944, ano em que ocorreu uma revolução no fotojornalismo brasileiro.

Revolução? É o que se diz, especificamente, porque a conhecida revista brasileira *O Cruzeiro* fundava uma escola de linguagem visual na qual, as fotos captadas ganhavam vibrações e dramaticidade. Segundo Kaz (2006, p.6) “procurava-se transmitir, em imagens impressas, o imaginário de um país que, praticamente, só se conhecia pelas ondas do rádio”.

Este foi o ano, 1944, em que Assis Chateaubriand entregou a revista para o seu sobrinho, Freddy Chateaubriand que foi, “*quem dinamizou a revista*”, conforme Medeiros (1986, p. 17).

Foi, portanto, neste ano, que a revista ganhou reconhecimento e destaque, ao investir na introdução do gênero fotorreportagem, representando uma inovação na paisagem de editoração no Brasil.

A partir de então, a fotorreportagem adquiriu, por aqui, um caráter próprio, e isto se deu porque a introdução do conceito coincidiu com a procura de uma compreensão do país, com um universo cultural e social específico, a partir de uma conjuntura política que pregava o nacionalismo.

Deste então, *O Cruzeiro* conseguiu ganhar de vez, uma grande importância no cenário nacional.

O período que vai do ano de 1944 ao ano de 1960 foi especial para *O Cruzeiro*, pois esta época ficou conhecida como a “época áurea de *O Cruzeiro*”, coincidindo com a introdução do conceito e da prática do fotojornalismo.

A implantação do fotojornalismo para a revista significou, assim, uma melhoria na qualidade de seu material, pois a fotografia antes existente nela, figurava apenas como ilustração esporádica, passando a partir de então, a ser trabalhada de uma forma



diferente. A ser vista como elemento estrutural e fundamental na formatação do texto final, compondo a fotorreportagem.

O gênero fotorreportagem no Brasil foi introduzido pelo francês Jean Manzon, contratado por *O Cruzeiro* desde 1943.

A introdução de um novo gênero acarretou em uma mudança no estilo e na diagramação da revista. As modificações inovaram o perfil de *O Cruzeiro* e surtiram de fato, um resultado em termos de aceitação e inserção desta, na sociedade. O que fez com que a mesma aumentasse consideravelmente sua tiragem a partir de 1944, alcançando seu auge em meados da década de 1950.

Jean Manzon teve seu trabalho reconhecido, especialmente, quando formou dupla com o jornalista David Nasser. A dupla ficou muito conhecida e valorizada e, por vários anos, considerada como “a estrela” entre os repórteres de *O Cruzeiro*.

Manzon tinha um estilo próprio, fazendo sempre fotos arranjadas, posadas, compostas e construídas<sup>2</sup>. Este estilo o diferenciava dos demais colegas de trabalhos, muitos deles, indicados pelo próprio Jean Manzon. Entre eles, estão José Medeiros, Pierre Verger, Manuel Gautherot e outros.

Outro fato importante é que a revista tinha agências em todo país e correspondentes nas principais capitais do mundo. O primeiro número da revista no ano de 1940 trazia uma reportagem fotográfica que tratava do conflito mundial na Europa, com destaque para o confronto entre finlandeses e russos. Outros números tratariam da segunda guerra mundial, mas com o olhar interno, voltado para o apoio ao regime do Estado Novo e a consolidação da imagem mítica de Vargas.

A lista de personalidades que fizeram a história da revista e, mais ainda, a representatividade da fotorreportagem no Brasil, compõe-se de nomes como Jorge Ferreira, Mário de Moraes e Ubiratan Lemos, que ganharam o Prêmio Esso, pela reportagem do “drama” dos retirantes nordestinos.

Com o passar do tempo aumentava a tiragem da revista. Em 1946, o parque gráfico foi expandido com a compra de oito rotativas em cores e 12 impressoras, dando suporte ao crescimento da tiragem. Em 1947, Samuel Wainer passaria a compor o quadro de profissionais da revista e faria algumas das suas grandes reportagens, como a

---

<sup>2</sup> Este estilo chegou a ser descrito como isento, imparcial e objetivo, como expressão da realidade (COSTA, 1993, p.157); embora também seja descrito como “cuidadosamente arquitetado, como se o mundo posasse para a câmera... como uma construção das cenas que permitem uma identificação imediata” (COSTA, 1993, p.153).



cobertura da formação do Estado de Israel e da campanha presidencial que trouxe Getúlio Vargas de volta ao poder.

Contudo, é válido ressaltar que foi exatamente no ano de 1940 que se verificou uma maior importância do fotógrafo, que passaria a assinar suas fotos. Era o tempo da câmera Rolleiflex, criada em 1928 na Alemanha, projetada para ser uma câmera de uso mais fácil do que os modelos “pesados” do início do século XX, tendo se popularizado em território nacional no pós-guerra. Um dos fotógrafos mais conhecidos que só utilizavam a Rolleiflex foi o francês Pierre Verger, que em vida teve vários modelos. Em 1946, Verger resolveu morar em Salvador, tornando-se colaborador da revista *O Cruzeiro*.

A história de *O Cruzeiro* faz parte e retrata a história do Brasil daquela época, principalmente, se entrelaça com o fotojornalismo, destacando-se com seus repórteres fotográficos, principalmente, com o conhecido José Medeiros.

### **JOSÉ MEDEIROS - o poeta da luz**

*O Cruzeiro* foi uma revista que atingiu tiragens extraordinárias, fundada por Assis Chateaubriand no ano de 1928, tendo ficado conhecida como a “contemporânea dos arranha-céus”, trazia reportagens que procuravam mostrar a realidade de uma forma jamais vista na época, com índios, rituais de candomblé, bailes do *high society*, manicômios, dentre outros temas.

Nela, a realidade era explorada de forma espetacular. Contudo, em suas páginas existia lugar para a suavidade das fotos de José Medeiros, que procurava não colocar nada a mais junto à imagem, ou seja, buscava retratar a vida do brasileiro através de um foco simples, sem o uso de luzes excessivas. Medeiros mostrava através de suas fotos a integridade do profissional que vê a realidade tal como ela é, sem explorá-la para além do que se apresentava, sem transformá-la em espetáculo dramático, postura adotada por outros e que veio a se tornar uma prática comum na segunda metade do século XX.

José Medeiros, um dos pioneiros no fotojornalismo no Brasil, então repórter fotográfico da revista *O Cruzeiro*, tornou-se modelo de uma nova visão dentro do ofício de fotógrafo da época.

Piauiense, nasceu no ano de 1921, em Teresina. Seu pai era fotógrafo amador, que aos domingos gostava de tirar fotos da família nas praças da cidade. Colocava uma



máquina no tripé, armava o disparador automático e corria para também sair na foto. A imagem sempre era mesma: o pai e a mãe, sentados, com os filhos em volta.

O seu primeiro contato com a fotografia como profissão aconteceu quando um amigo de sua família, um político, que estava tentando se eleger, necessitou de um fotógrafo que pudesse tirar fotos dos eleitores.

O pai de José Medeiros não quis fazer o serviço, pois via a fotografia mais como um *hobby*, então colocou o filho no negócio, deu-lhe sua máquina 9x12 que podia fazer quatro fotos numa chapa, mas, na condição de que Medeiros pagasse a máquina com o dinheiro que iria ganhar com o trabalho.

José Medeiros chegou ao Rio de Janeiro ainda garoto, com 18 anos de idade, época em que era apenas fotógrafo amador e sonhava em cursar arquitetura. Preparou-se para o vestibular no Colégio Jurema, mas foi reprovado.

No Rio de Janeiro de 1940 ele logo se adaptou e arranhou trabalho, se bem que a princípio tivesse atuado fora de sua área. Virou funcionário público, foi postalista dos Correios e Telégrafos, trabalhou também no Departamento Nacional do Café, porém, não se deu bem em nenhum desses empregos.

Sempre fotografando, acabou montando um pequeno estúdio em sua casa, onde trabalhava no período da noite, após sair do expediente no Departamento de Café.

Em seu mini-estúdio tirava retratos de artistas famosos do Rio de Janeiro.

Mas a fotografia logo lhe ocuparia todo o tempo disponível. Trabalhou nas revistas *Tabu*, *Rio* e *Sombra*, publicações dos anos 40, realizando trabalhos fotográficos que logo se destacaram. Já possuía então um estilo e uma linguagem própria.

Foi na revista *Rio* que Medeiros conheceu o fotógrafo francês Jean Manzon, que logo o convidou para fazer a apresentação de um livro dele chamado *Flagrantes do Brasil*.

Admirado com o trabalho do piauiense, o grande fotojornalista Manzon o considerou como “o pai do fotojornalismo no Brasil”, conforme Kaz (2006, p.27).

Jean Manzon apresentou Medeiros em 1946 à redação da revista mais famosa da época, *O Cruzeiro*, onde então trabalhava. Era o período inicial das renovações na revista que começaram dois anos antes com a chegada de Freddy Chateaubriand.

Medeiros antes de ser contratado pela revista em 1946 teve que se submeter a um teste, mandaram-no para Alagoas, com o repórter Luiz Alípio de Barros, para fotografar as festas regionais. Ficou por lá durante um mês, quando voltou trouxe para a redação um material excelente que lhe rendeu a contratação.



Em 1947, Medeiros já era em dos principais fotógrafos, correndo o mundo para realizar importantes matérias de grande impacto. Naquela época, em que a televisão não tinha sido implantada no Brasil, e, mesmo após a década de 1950, quando a TV ainda era inexpressiva como meio de comunicação de massa, a revista *O Cruzeiro* era o mais importante veículo, com uma tiragem semanal que chegou até 720.000 exemplares.

Os astros e heróis daquela época eram os fotógrafos e repórteres, que ao lado de estrelas do rádio, distribuíam autógrafos onde quer que fossem.

O próprio Medeiros fala da sua experiência em trabalhar na revista:

O pessoal ficava virado pelo fato do cara ser de *O Cruzeiro*. Para mim, ser de *O Cruzeiro* significava, antes de tudo, mais uma possibilidade de fotografar, de viajar; que são coisas que eu sempre tive muita vontade de fazer (...) Estávamos sempre viajando. Se você tinha um certo prestígio, então você fazia sua própria pauta. Você dava a idéia e eles te mandavam tudo. Era um luxo total (MEDEIROS, 1986, p.15 e 16).

*O Cruzeiro* exercia perante a sociedade uma influência ímpar, não havia concorrência no mercado editorial entre as décadas de 1940 e 1950, era um monopólio que ditava moda e os assuntos a serem conversados entre as pessoas.

José Medeiros, como o grande homem contestador que era, procurou um novo caminho trazendo novos olhares para o impresso. Tinha um interesse particular pelos setores mais deficitários da sociedade. Gostava de mostrar as injustiças sociais ou simplesmente realidades não conhecidas. Em suas palavras:

(...)a fotografia tem, aliás, como tudo, uma função política. A fotografia não conta necessariamente o real, pelo contrário ela pode mentir pra burro. A pessoa por traz da câmera pode mostrar o que quiser, como quiser. Eu por exemplo, para não defender interesses do patrão, do governo, saía pela tangente fazendo reportagens sobre negros e índios ( MEDEIROS,1986 p.17).

Nesse período, surgiram os primeiros ensaios fotográficos de José Araújo de Medeiros, sobre índios brasileiros, assunto que o apaixonava nitidamente, principalmente Xavantes e Caiapós.

Medeiros participou do primeiro contato entre o homem branco e os índios, na famosa expedição Roncadora–Xingu, em 1949, que foi tema inclusive de uma reportagem da revista americana *Time*, na qual aparece uma foto sua com dois índios.

Na época, o fotojornalista, trabalhando para *O Cruzeiro*, acompanhou a expedição da aeronáutica brasileira para o Xingu. Eles queriam abrir um campo de





aviação como alternativa para o vôo Rio de Janeiro–Miami. Esse foi o primeiro encontro oficial com os Xavantes.

Medeiros gostou tanto que retornou outras vezes, para fazer mais matérias. Ficou tão próximo dos índios que chegou a recebê-los em sua casa. Um deles, o índio Sapaim, precisava se operar de hérnia de umbigo, e acabou passando um longo tempo na casa do fotógrafo.

A hospedagem dos índios no Rio lhe rendeu uma outra matéria com o repórter José Leal, “*Dois Índios admiram o Rio*” publicada no dia 28 de janeiro de 1950.

## AS GRANDES REPORTAGENS

Seu trabalho refletia um anseio de resgate do passado, com todos os seus desafios e temas interligados. A preocupação de Medeiros não era a inserção da consciência fotográfica, como outros colegas seus. Sua abordagem se dava através de uma fotografia espontânea e seguia uma tendência moderna, mas na linha do francês Henri Cartier Bresson, que outros fotógrafos daquela época sentiam-se inclinados a seguir.

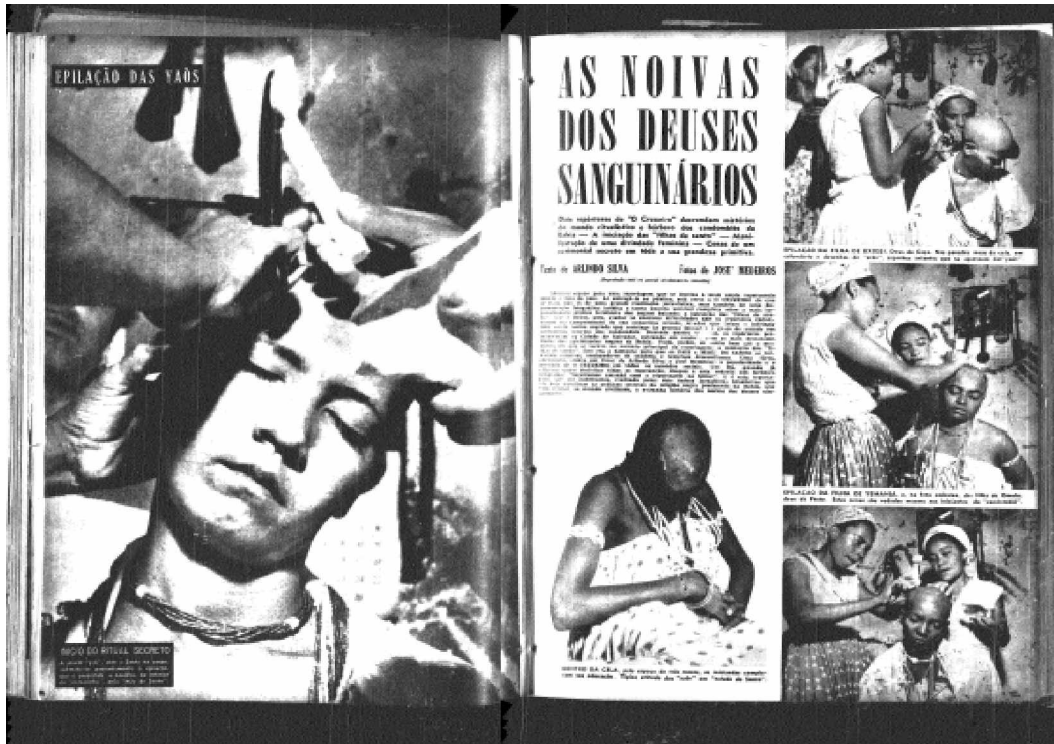
A obra de José Medeiros, em preto e branco, demonstra o seu interesse pelo cotidiano do povo brasileiro, seja dos índios, dos negros, dos pobres, dos trabalhadores, artistas e artesãos flagrados em seu ofício; bem como personalidades da política e da sociedade. Com os personagens que escolhia para fotografar buscava atingir a beleza que somente a câmara é capaz de revelar. Suas reportagens traziam o Brasil para o Brasil conhecer, era uma abordagem política que fugia da política partidária e procurava não enfrentar os ditames do Governo nem as ordens do patrão, mas que ao seu modo denunciava realidades não visíveis anteriormente.

Sua abrangente e ousada documentação sobre os ritos de candomblé, a iniciação das *iaôs*, filhas de santo, na Bahia, resultou no livro de sua autoria, *Candomblé*, publicado em 1957, com 60 fotos, das quais 38 haviam sido publicadas na reportagem de *O Cruzeiro*, e que na verdade foi uma resposta brasileira ao cineasta George Clouzot, que havia realizado um trabalho sobre o mesmo tema.

Então no dia 15 de setembro de 1951, a revista *O Cruzeiro* publicou uma reportagem polêmica, e muito citada posteriormente, com o título “*As noivas dos Deuses Sanguinários*” com fotos de José Medeiros e texto de Arlindo Silva.



O lançamento da reportagem de *O Cruzeiro* foi precedido de ampla divulgação na Bahia, com boxe em jornais, anunciando a chegada da revista a Salvador. Foram cinco edições entre os dias 11 e 14 de setembro de 1951, sendo que, nesse último dia, antes da chegada da revista, foi publicada uma das imagens mais forte na contracapa do jornal *Diário de Notícias*, de Salvador.



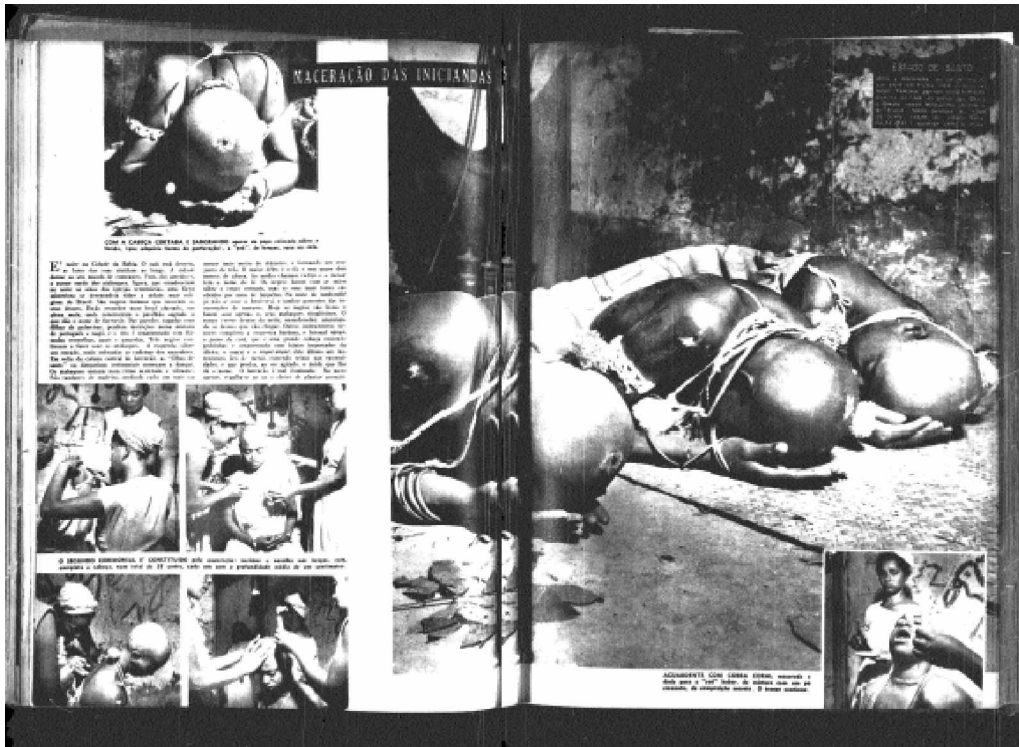
A revista sabia do impacto que estava causando com a reportagem e aumentou a tiragem de 300.000 para 330.000 mil exemplares. Era praticamente uma reportagem fotográfica, Medeiros fotografou a raspagem da cabeça das *iaôs* e o batismo com sangue de animais, ele conseguiu mostrar ao Brasil um impressionante trabalho com o apuro técnico de suas fotografias e com o fato das imagens serem ambientadas num cenário onde o acesso era permitido apenas a iniciados do Candomblé.

Um dado interessante é uma carta, elucidativa de todo esse processo, encontrada na Casa de Cultura de Teresina, cidade natal do repórter fotográfico, Zé Medeiros. A carta enviada a ele pelo então diretor de reação da revista *O Cruzeiro*, Accioly Netto, revela que a idéia da reportagem surgiu de dentro da redação como missão especial destinada a José Medeiros considerado o único capaz de fazer uma matéria a ponto de enfrentar a do francês Clouzot.

Medeiros se saiu muito bem fez uma reportagem totalmente fotográfica, onde você consegue acompanhar o ritual pelas fotos, e, chega a ter a sensação de estar presente, de tão real que são as fotos.

“Parece que quando ele punha o olho no visor da câmera ele colocava a alma também, o coração. Ele tinha olho na alma” (NOGUEIRA *apud* MEDEIROS,1986, p.23).

E assim ele fez com as fotografias do candomblé, colocou sua alma, trabalhou sua criatividade na “precariedade”, do local, da falta de iluminação natural.



A reportagem provocou uma grande vendagem para a revista *O Cruzeiro*, em grande parte devido ao número excessivo de comentários e de matérias em outros meios de comunicação tanto em nível nacional como internacional.

Com tanta repercussão sobre o tema e vendo o valor do material existente sobre fotografia e religião, em 23 de agosto 1952 foi feita outra reportagem chamada “Nos Candomblés da Bahia \_ A purificação pelo sangue”.

Uma matéria que veio como complemento da primeira, já analisada anteriormente . Nesta, o texto e as fotos são de Medeiros. Ele foca uma única parte do ritual de iniciação das filhas-de-santo, “a purificação pelo sangue”, um espetáculo de fé primitiva e bárbara.



No texto, Medeiros lembrou aos leitores a primeira vez que foi aos terreiros do candomblé com o seu parceiro Arlindo Silva, após essas lembranças passou a descrever em detalhes o ritual sangrento pelo qual passam as iaiôs. Ritual reproduzido através de suas fotografias chocantes e belas, e pela forma como as retratou, suavizando as imagens ao mostrar o que há de mais profundo no ritual, mostrando o sentimento de fé desse povo em cada fotografia tirada.



Ainda com Arlindo Silva, pouco tempo depois dessa reportagem, aventurou-se de volta ao Xingu, em busca de índios Caiapós.

A matéria que foi publicada no dia 7 de junho de 1952, “*Homens brancos na aldeia dos Caiapós*” rendeu acusações públicas aos repórteres de que o trabalho era uma farsa.

O autor das acusações foi o repórter J. B. Martins Ramos, da *Folha da Noite*, diário paulista, que dizia que a matéria de Medeiros e Arlindo havia sido feita nos postos do serviço de proteção ao índio.

Não satisfeito apenas com a matéria e visando arruinar a reputação dos profissionais de *O Cruzeiro*, Martins Ramos resolveu fazer uma conferência sobre o assunto no auditório do Museu de Artes de São Paulo.

Os repórteres de *O Cruzeiro* ficaram possessos e compareceram à palestra para tirar satisfações e colocar a história a limpo com Ramos. Levaram fotografias da viagem



da aldeia e dos testemunhos. O debate entrou pelo turno da noite e foi até filmado pela TV Tupi, com grande cobertura dos jornais Associados.

Medeiros e seu parceiro conseguiram provar que a matéria não era uma fraude e sim muito séria.

Indignados, após enfrentarem a sessão pública e terem provado a todos que a matéria sobre os Caiapós era verdadeira, mas, ainda não satisfeitos, resolveram dar uma resposta ao jornal *Folha da Noite* e a seu repórter J. B. Martins Ramos, com uma matéria chamada “ O Preço de uma Reportagem” publicada na revista *O Cruzeiro* no dia 19 de junho de 1952, onde relatavam todo o trabalho que tiveram para realizar a reportagem sobre os Caiapós.

Logo no início Arlindo Silva começou seu texto com uma crítica aos seus desmoralizadores: “Como pode um jornal que se preza divulgar semelhante leviandade (...)”. As fotos de Medeiros não deixavam por menos, mostravam a fome e o suor no rosto dos índios que lutavam todo dia pela sobrevivência, mostravam o trabalho que tiveram durante o período em que produziam a reportagem sobre os Caiapós, e, com a matéria contestaram a calúnia que sofreram.

Mesmo entre confusões, o importante é que com as matérias sobre o povo indígena, esse repórter fotográfico conseguiu modificar a visão sobre o índio perante a sociedade brasileira dos anos 50, mostrou as suas deficiências, as necessidades que tinham para sobreviver, como também mostrou sua cultura, e seus cultos aos deuses da natureza, suas ervas curandeiras, suas belezas e os corpos que viviam nus. Ele fez um registro riquíssimo sobre os primeiros povos que habitaram o Brasil, construiu história registrando a memória indígena com sua fotografia, deixou riquíssimo legado, hoje utilizado em pesquisas científicas, em exposições, e, que de tão belo é conhecido internacionalmente.

## CONCLUSÃO

A revista *O Cruzeiro* inovou na reportagem e ganhou destaque no fotojornalismo, mudou a relação dos textos e imagens, passou a utilizar as fotografias de diferentes formas e tamanhos, deliberadamente arranjadas, rompendo com o esquema ilustrativo tradicional. Está claro, porém, que os avanços promovidos pela publicação em pauta também se devem à questão da própria evolução da técnica fotografia e da possibilidade de acesso a ela.



Os fotógrafos de *O Cruzeiro* procuravam ângulos diferentes para suas fotos, e se utilizavam delas para narrativas de fatos, em que o texto escrito acompanhava como apoio. Uma das marcas da revista era o lado do glamour, que marcava presença nas famosas reportagens de carnaval.

Foi em *O Cruzeiro* que se destacou o grande nome do fotojornalismo brasileiro, José Araújo de Medeiros.

Medeiros foi um repórter fotográfico, que apesar de pertencer a um grupo, conseguiu ultrapassar as determinações sociais e desenvolver uma trajetória profissional que lhe permitiu interagir com o mundo e atualizar sua competência cultural, através de seus contatos e variadas informações, num processo continuado da apropriação e criação. Assim, tornando-se um mediador entre o processo histórico, as demandas sociais, e sua elaboração através das fotografias, recriando nas páginas da revista *O Cruzeiro* uma complexa narrativa histórica dos fatos e acontecimentos, ao mesmo tempo, em que materializava em imagens os anseios e expectativas de um projeto social de integração nacional, iniciado no governo de Getúlio.

Em suas reportagens se mostra como um profissional que trabalha com a alma, com o espírito, com o momento, sem retoques, sem produções, único, com sua luz ambiente.

Ele procurava utilizar a fotografia como mediação para a crítica social, o que muito se atribui à sua formação como repórter fotográfico. Medeiros não se atinha tanto à técnica fotográfica e à estética da imagem.

A estética de Medeiros, assim como, sua técnica estão mais em função de um conceito, isto é, de uma severa crítica social, do que em função de aspectos formais, (recursos mecânicos de forte apelo imagético). A estratégia de que se utilizava para tocar os observadores não deixava de ser espetacular, pois trabalhava diretamente com a imagem, mas de um modo mais relacionado com o conceito existente nas fotografias do que com o formato estético.

Medeiros, no entanto, se destacou porque fotografava como via a vida, fez um fotojornalismo sério, sem retoques nem artifícios. Ele pôde, através da liberdade que *O Cruzeiro* lhe proporcionava, trabalhar o seu faro jornalístico e abordar questões com as quais se identificava, como trabalhar com as minorias, índios, negros e com a sociedade dos menos favorecidos, como os loucos em manicômios ou os leprosos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, H. "*Da fotografia de imprensa ao fotojornalismo*", In: Acervo: revista do Arquivo Nacional, vol.6, nº 1-2, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993, p. 55-74.

FREUND, Gisele. *Fotografia e sociedade*. Lisboa: Vega, 1989. Mauad, A.Mª. "*Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social, no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX*", In: *Estúdios Interdisciplinares de América Latina y el Caribe*, vol. 10, nº 2, Tel Aviv, 1999.

LUHNING, Ângela. *Pierre Verger, repórter fotográfico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KASSAB, Álvaro. *1951- O ano em que Clouzot, "O Cruzeiro e intelectuais rodaram a baiana*, 2004. Disponível em: <[http://www.inicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/julho2004/ju259pag06.html](http://www.inicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/julho2004/ju259pag06.html)>. Acesso em: 17 de agosto de 2007.

KAZ, Leonel e JABOR, Arnaldo. *O Olho da Rua: o Brasil nas fotos de José Medeiros*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2006.

MEDEIROS, José. *50 anos de Fotografia*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1986.  
\_\_\_\_\_. *Candomblé*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1957.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

MUNTEAL, Oswaldo e LARISSA, Grandi. *A Imprensa na história do Brasil. Fotojornalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Desiderata, 2005.

NETTO, Accioly. *O Império do Papel*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1998.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

SEGALA, Lygia. "*Bumba – meu- boi*". In: *O Brasil de Marcel Gautherot: fotografias*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, pp. 27-57, 2000.

TACCA, Fernando de. *Candomblé: O Embate Entre A Paris Match E A Revista O Cruzeiro*. In: VII CONGRESSO ALAIC, La Plata, Argentina, 2004. Disponível em: <[http://www.alaic.net/VII\\_congreso/gt/gt\\_14/GT14-16.html](http://www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_14/GT14-16.html)>. Acesso em: 17 de novembro de 2007.

\_\_\_\_\_. *O Cruzeiro versus Paris Match e Life Magazine: um jogo espetacular*. 2006. Disponível em: <[http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero15/06\\_fernando.pdf.htm](http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero15/06_fernando.pdf.htm)>. Acesso em: 17 de novembro de 2007.